

1.

Tudo que está inscrito no mundo, ora ou outra, traduz-se em nós. No caso, na minha frente, a escritura do mar que se excita de modo quase ordinário. Chega na beira e estala em espuma as palavras que antes eram somente linhas brancas, desenhos trêmulos de um oceano atlântico de várias direções. É sabido que nas cidades litorâneas faz menos frio por causa da brisa do mar. Um passado úmido e salgado que corrói o presente e suas esquadrias de metal ou tudo que contenha metal dentro da casa. O mar é inimigo do metal e se em companhia do vento vira maresia e corrói, corrói... nem está ventando tanto mas a tempestade de ontem deixou o mar assim revoltado e doído, as linhazinhas brancas inscrevendo relevos – seriam as costas das montanhas de uma onda vadia se formando lá atrás no horizonte? – e estes relevos que são mais que palavras estouradas no ouvido, são frases de ação deste movimento contínuo. (exclamação) atrás da linha do horizonte há um cortejo dos mais variados instrumentos de cordas sopros e percussões que cantam a alegria da prova dos nove, dos dez... (exclamação ainda) depois da linha do futuro milhares de curvas dançam para a invenção de um novo-velho mar... As linhas do oceano turbulento parecem escrever tais premonições sobre si mesmas. Tento compassar meus passos como ritmo torto das ondas, mas elas são milhares de “us” “os” “es” e “ss” tremelicando. Só mesmo os surfistas locais para enfrentá-las. A maré está altíssima e onde antes estendia-se uma considerável faixa de areia agora há só água e mais água. Nunca havia visto essa parte da praia assim. A alta mureta que separa os postos sete e oito já nem parece tão alta considerando a gigante chegada das ondas que sobem cada vez mais. De vez em quando invadem a calçada e molham os pés dos desatentos. Dos fotografados. Flash. A luz molhada. Caminho como tenho caminhado. Sempre sonhei em morar do lado da praia e agora que moro é imprescindível fazer jus às promessas antigas: caminhar no limite do líquido e do sólido para desacostumar o pisar. Caminho pela borda do mar com o concreto onde a mureta já não tem mais serventia. Tento ler o mar que é atravessado constantemente pelas foquinhas de pele de neoprene preta. Corpinhos velozes que cortam as montanhas e suas paredes, os verbos aquáticos que se dobram e redobram a cada passada, deixando um rastro brando na água que se sobrepõe à escritura original. Estariam os surfistas raspando as línguas do mar? Se atrás do futuro esconde-se a linha do horizonte, é talvez porque as linhas já não prestam retas e formosas e sérias mas desviam-se delas próprias para um escrever mais fluído, mole, mineral... quero deitar nas escritas do mar como fazem os plânctons no findar do dia. E quiçá assim escrever como os surfistas essa imensa partitura oceânica com novas linhas, valinhas e valas e lavas lavando nosso mar tão sujo de petróleo. Salvar o mundo? Não. Não é tinta que escorre para o mar. (exclamação) afinal, se fosse tinta escorrendo não estaríamos todos morrendo e sim escrevendo um romance. E eu rio quieta na minha e me perco na esperança de ver o mar assim outra vez, se escrevendo depois da revolução, ele revoltado traça suas impressões na superfície e vai levando... enquanto vamos passando... caminhando sob a calçada portuguesa absolutamente encharcada. Tudo já é mar. E meus pés que batem na máquina. Letra a letra o passo brinca de pisar só nas pedras pretas. Traço comigo um desenho de onda no limite do meu corpo e do dele até que

(exclamação)

atravesso a linha de concreto e agora sou eu que me findo no mar.

Caí em câmera lenta em dezesseis frames por segundo como aquele artista contemporâneo que insiste em fotografar todas as suas quedas.

Caí dura num mar macio e volupto.

Caí mole e afundei no líquido gorduroso de meus próprios pensamentos achando que ali seria meu fim.

.
. .
. .
. .
. .
. .
. .
. .
. .

Mas era só bobagem daquelas ideias que surgem durante o instante do impacto e assim me vi caída, mas flutuante, voando em pedaços de ondas e escrevente daquela profunda paisagem. Naturalmente nadava – sem esforço, lembrei de alguns movimentos automáticos dos braços e pernas que surgiram na primeira vez em que meu pai me atirou, ainda bebê, em uma piscina – ou teria ele feito isso com o cachorro? Lembrei da equipe de natação da escola e dos livros todos que já li sobre como os fetos flutuam no líquido amniótico, esse oceano contido dentro da barriga de todas as mães. Fiquei ali como tartaruga, semiviva, semimorta, e depois experimentei um pouco o nado de costas. Não sei se esperava que algo ou alguém me alcançasse, mas flutuava na ideia de que meu corpo poderia fazer parte daquelas linhas todas que até então me detinham só a vista – meu corpo como escritura marinha. Agora sou só mais uma linhazinha espumosa e orgânica, composto magistral da nova Academia de Letras Brasileira. Fecho os olhos pois não me interessa o céu. São muitas as vozes que falam entreouvidas do fundo e do fora da água, burburinhos abstratos sem significado algum. Fico tentando escutar onomatopeias ou mesmo imagens ocultas quando, de repente (exclamação), sinto escorrer por entre meus dedos entreabertos o líquido salgado dessas palavras todas que me escapam. É como se a água jorrasse por entre meus ouvidos e mãos e as juntas de meus dedos fossem rachaduras dos vales e pedra que antes sustentavam a passagem dessa água. As corredeiras vão ficando cada vez mais rápidas e penso ter visto um minúsculo surfista manobrando nessa pororoquinha. E (exclamação) assim, tão rapidamente, volto a sentir o meu peso a pesar e meus sessenta e tantos quilos com efeito da gravidade: o mar todo baixava e assim, tão cedo, logo logo, deixaria de flutuar. Dito e feito. Já estava novamente com os pés assentados no sólido, dessa vez um sólido poroso, quase fofo mas gosmento; areia. O assoalho marítimo inteiro se mostrava em sua vasta extensão pelo baixar estúpido da maré. Atrás de mim o paredão

grafitado que divide os postos sete e oito do Arpoador, e a minha frente um deserto-mar absurdo e hipnotizante. Nem horizonte tínhamos mais. Desfez-se a linha. Estava tão desconcertada com demorei um pouco para perceber que havia perdido todos os meus pertences. O mar tinha levado. Mas a revelação (exclamação). A medida que o mar baixava revelavam-se inúmeros aparelhos eletrônicos, máquinas fotográficas, celulares, equipamentos variados de mergulho, pedaços de lentes, além dos brincos anéis pulseiras colares os óculos de sempre. O mar estava recheado de vestígios e lembranças dos fotografados e de seus incapturáveis, das obsolescências programadas para ir direto ao fundo quando perdessem função ou poder. Então um cemitério de restos de registros do mar foram aparecendo, e com ele as selfies nunca reveladas, o povo que veio descendo pelas escadinhas de sacos de calça cheios de areia. A praia era mais uma vez dos humanos e não mais das linhas de espuma. Garimpeiros e velhinhas foram se aproximando com seus equipamentos de metal – em sua maioria detectores vagabundos e cadeiras baratas. Também a onda de burburinhos e fofocas das nove da manhã, invadindo meus ouvidos sem pudor: e se... Ajeitei meus pés para caminhar. Estava ensopada e achei que seria importante buscar pelas minhas coisas antes de voltar para casa. Antes da queda tinha comigo uma carteira recheada de cacarecos e documentos inválidos, uma lapiseira número sete e um bloquinho de notas, meu celular com as passagens para nossa futura viagem à Bahia. Lembrei como o mar odeia os metais e logo vi os cartões de embarque distanciando-se como barquinhos de papel e acenando um “tchau”. Meu discurso mental para você: Que havia perdido as passagens. Que não viajaríamos mais. Que eu tinha caído na mureta do Arpoador e que as ondas tinham engolido tudo que era meu menos o meu corpo – que eu tinha por um instante virado linha do grande texto que era o mar. O discurso foi se construindo na minha cabeça quando (exclamação) uma cena chocante se revelou ao fundo da vista: duas senhorinhas que estavam sentadas em suas cadeiras de praia na beira do novo-velho mar agora estavam sendo arrastadas pela nova-velha maré. Desceram elas e os garimpeiros todos como em um tobogã de parque aquático e foram engolidas pelas novas ondas – altas, gordas e imponentes – que vinham anunciando no horizonte uma próxima enchente. Vi a cena como se assistisse a um filme com roteiro do Kaufman, tragando pipoca, os gritos das velhinhas fofoqueiras interpretados pela orquestra de câmara de São Paulo enquanto deslizavam de volta ao útero da mãe. Depois de mim só a mureta que parecia cada vez mais alta e impossível de ser escalada, e o estrondo de um som bruto como que anunciando o fim. Meu braço esquerdo começa a tremer involuntariamente e eu

eu estou sentada e minhas costas doem um pouco. Há baba do lado direito da minha camisa, na altura do ombro, e um homem bonito e amado articula coisas para mim que ainda não ouço bem.

– Chegamos, meu amor – Ele pousa a mão delicadamente sobre a minha como provavelmente pousou o avião já que nem o senti freiar. O silêncio sepulcral da aeronave vazia só é minimizado pelos bips e cracs da preparação da cabine para os próximos passageiros. As aeromoças nos olham com um mix de preocupação e alívio, mas é a sua calma e seu sorriso de cílios que me convencem a levantar e são suficientes para me fazer sentir completamente normal. – Quanto tempo eu... – Não importa, venha. Pegamos nossos pertences e rumamos, eu ainda meio cambaleante, para a porta de saída.

depois da linha do horizonte, junho de 2022